

## Vozes silenciadas: impacto das ditaduras no continente asiático sobre a comunidade LGBTQ+

### ARTIGO

**Kelvi da Silva Oliveira<sup>i</sup>**

Universidade Federal do Vale do São Francisco, Senhor do Bonfim, Ba, Brasil

1

### Resumo

A construção dos direitos da comunidade LGBTQ+ enfrenta obstáculos complexos que refletem um processo contínuo de invisibilidade imposta sobre seus membros. Em meio a fraturas sociais e jurídicas, os indivíduos LGBTQ+ se encontram em desvantagem diante do padrão heteronormativo imposto pela sociedade. Este artigo se propõe a investigar de maneira abrangente como regimes autoritários influenciaram e suprimiram as vozes da comunidade LGBTQ+, gerando consequências profundas e de longo alcance. Adotando uma análise detalhada de contextos históricos específicos em diversos países asiáticos, o estudo evidencia de maneira inequívoca como tais regimes silenciaram e reprimiram as vozes LGBTQ+, resultando em repercussões significativas e duradouras. São exploradas amplamente as políticas discriminatórias implementadas por essas ditaduras, ressaltando as múltiplas violações dos direitos humanos e as restrições severas à liberdade de expressão e identidade. O artigo destaca também a resiliência da comunidade LGBTQ+ e seus esforços de resistência contra os desafios enfrentados, visando o reconhecimento.

**Palavras-chave:** Comunidade LGBTQ+. Ditaduras Asiáticas. Direitos humanos.

### Silenced voices: the impact of dictatorships in Asia on the LGBTQ+ community

### Abstract

The construction of LGBTQ+ rights faces complex obstacles reflecting a continuous process of imposed invisibility on its members. In the midst of social and legal fractures, LGBTQ+ individuals are at a disadvantage in the face of the heteronormative standard imposed by society. This article aims to comprehensively investigate how authoritarian regimes influenced and suppressed the voices of the LGBTQ+ community, resulting in profound and far-reaching consequences. By adopting a detailed analysis of specific historical contexts in various Asian countries, the study unequivocally demonstrates how such regimes silenced and suppressed LGBTQ+ voices, leading to significant and enduring repercussions. The discriminatory policies implemented by these dictatorships are extensively explored, highlighting multiple violations of human rights and severe restrictions on freedom of expression and identity. Additionally, the article highlights the resilience of the LGBTQ+ community and its efforts to resist the challenges faced, aiming for recognition.

**Keywords:** LGBTQ+ Community. Asian Dictatorships. Human Rights.

## 1 Introdução

2

Na intrincada trama da história do continente asiático, entre os tecidos autoritários de regimes ditatoriais, emerge um capítulo muitas vezes esquecido e relegado ao silêncio: o impacto desses períodos sombrios sobre a comunidade LGBTQ+. Este artigo visa explorar uma narrativa que frequentemente escapa à atenção histórica e social, concentrando-se em uma dimensão menos discutida dos períodos ditatoriais asiáticos. Ao longo das décadas, regimes autoritários impuseram suas vontades sobre vastas regiões da Ásia, impondo restrições, repressões e silenciamento a diversas vozes dissidentes. No entanto, o foco central recai sobre um aspecto particularmente negligenciado: o tratamento infligido à comunidade LGBTQ+ durante esses períodos de ditadura.

Dentro do contexto de regimes autoritários, a comunidade LGBTQ+ se viu frequentemente marginalizada e invisibilizada. As normas sociais estritas e os valores tradicionais exacerbados pelas ditaduras muitas vezes resultaram em uma supressão sistemática da diversidade de expressão sexual e identidade de gênero. Essa supressão em regimes autoritários não apenas relegou a comunidade LGBTQ+ à margem social, mas também teve profundas ramificações no desenvolvimento de uma identidade coletiva (Barbosa; Costa, 2021, p. 7-8).

A imposição de normas estritas e valores tradicionais contribuiu para a criação de um ambiente hostil que, por sua vez, desencadeou uma busca por validação e pertencimento. Nesse contexto, muitos indivíduos LGBTQ+ enfrentaram o desafio de reconciliar sua identidade com as expectativas impostas pelo regime autoritário.

A análise que se desenrola a seguir visa iluminar as experiências vivenciadas por indivíduos LGBTQ+ em contextos ditatoriais asiáticos, explorando as intrincadas interseções entre autoritarismo e identidade sexual. Ao adentrarmos nas páginas deste estudo, mergulharemos nas estratégias de resistência adotadas pela comunidade LGBTQ+, nos desafios enfrentados diante da opressão estatal e nos legados persistentes que moldam a dinâmica atual na região. A compreensão dessas histórias silenciadas não apenas contribui para uma visão mais completa da opressão política, mas também lança luz sobre

as resiliências extraordinárias e a busca incessante por liberdade e igualdade em meio às adversidades.

No vasto cenário da história do continente asiático, há uma série de capítulos obscurecidos por sombras autoritárias, muitos dos quais continuam a ser relegados a um silêncio perturbador. Entre esses períodos opressivos, emerge uma narrativa frequentemente negligenciada: o impacto das ditaduras sobre a comunidade LGBTQ+. Para Zion (2020), ao longo das décadas, regimes autoritários estenderam seu controle sobre vastas extensões do continente asiático, impondo não apenas restrições políticas, mas também restringindo e reprimindo diversas vozes dissidentes. Contudo, a perspectiva específica da comunidade LGBTQ+, frequentemente submersa nas narrativas históricas, merece atenção singular. Este estudo visa lançar luz sobre as experiências únicas enfrentadas por indivíduos LGBTQ+ durante esses períodos tumultuados, destacando as complexas interações entre autoritarismo e identidade sexual (Silva; Alves, 2021, p. 11-12).

O primeiro ponto de consideração é a natureza muitas vezes opressiva dos regimes ditatoriais asiáticos do século XX, que impuseram uma rigidez ideológica e controle estrito sobre a sociedade. Estes regimes, caracterizados por governos autocráticos e falta de respeito pelos direitos individuais, frequentemente adotaram políticas repressivas contra grupos minoritários, incluindo a comunidade LGBTQ+. O controle estatal sobre a moralidade e a expressão individual muitas vezes resultou em perseguições, discriminação e até mesmo criminalização da homossexualidade, perpetuando o silenciamento das vozes dessa comunidade (Miguel, 2023, p. 12-13).

Em segundo lugar, é crucial analisar as experiências específicas de países asiáticos que experimentaram regimes ditatoriais, como Afeganistão, China, Coreia do Norte e Indonésia, entre outros. Cada um desses contextos apresenta nuances distintas na forma como lidaram com a diversidade sexual e de gênero. A compreensão das políticas e práticas específicas adotadas por esses regimes permite uma análise mais aprofundada das implicações para a comunidade LGBTQ+, destacando as diversas formas de opressão e resistência que surgiram.

O terceiro ponto a ser abordado é o papel da cultura e tradição na perpetuação da marginalização da comunidade LGBT+ durante as ditaduras asiáticas. Muitas vezes, as normas culturais preexistentes foram instrumentalizadas pelos regimes autoritários para justificar a perseguição e a discriminação. Ao examinarmos como as noções culturais foram manipuladas para servir à agenda política, podemos entender melhor os mecanismos pelos quais a comunidade LGBT+ foi silenciada e marginalizada.

Na Ásia, as ditaduras frequentemente recorreram à cultura e tradição como ferramentas para justificar e perpetuar a marginalização da comunidade LGBT+. Em muitos casos, normas culturais preexistentes foram habilmente manipuladas pelos regimes autoritários para legitimar suas ações discriminatórias. Por exemplo, conceitos arraigados de moralidade, como a preservação da linhagem familiar e a conformidade com papéis de gênero tradicionais, foram distorcidos para enquadrar a identidade de gênero e orientação sexual não normativas como desviantes ou antitéticas aos valores culturais "tradicionais".

A instrumentalização das normas culturais foi particularmente eficaz devido à reverência e respeito geralmente concedidos a esses valores na sociedade asiática. As ditaduras aproveitaram-se disso para impor uma ideologia de homogeneidade cultural, marginalizando qualquer grupo que fosse percebido como divergente. Por exemplo, durante o período imperial, a ideia de "família tradicional" foi amplamente promovida como um pilar da moralidade nacionalista, excluindo e estigmatizando qualquer forma de identidade de gênero ou orientação sexual que não se encaixasse nesse molde (Moreira, 2023, p. 56).

Além disso, a diversidade cultural entre as nações asiáticas adiciona complexidade ao papel da cultura na marginalização da comunidade LGBT+. Enquanto algumas culturas têm tradições mais tolerantes em relação à diversidade de gênero e sexualidade, outras são mais conservadoras e restritivas. Essa diversidade cultural foi frequentemente explorada pelos regimes autoritários para justificar a repressão de minorias, incluindo a comunidade LGBT+. Por exemplo, no Afeganistão, onde a cultura é fortemente influenciada pelo Islã e pelas tradições tribais, a homossexualidade é

considerada um tabu e uma ofensa à moralidade islâmica. Como resultado, a comunidade LGBT+ enfrenta discriminação e violência, muitas vezes com base em interpretações rigorosas da lei islâmica Sharia (Malerba, 2017, p. 7-8).

A China possui uma história complexa em relação à sexualidade, com muitas tradições antigas reconhecendo a existência de identidades de gênero e orientações sexuais diversas. No entanto, o governo chinês adotou uma postura ambivalente em relação à comunidade LGBT+. Embora a homossexualidade não seja mais criminalizada, a censura estatal e as pressões sociais ainda criam desafios significativos para os indivíduos LGBT+ (Ting, 2012, p. 6).

Na Coreia do Norte, as normas culturais são rigidamente controladas pelo governo autoritário. A homossexualidade é oficialmente considerada uma aberração e uma ameaça à coesão social. A dissidência em relação às normas culturais impostas pelo Estado é severamente punida, o que torna extremamente difícil para os indivíduos LGBT+ expressarem sua identidade (Albert, 2023, p. 5).

A Indonésia é um país com uma mistura diversa de culturas, religiões e tradições. Enquanto em algumas partes do país, como Bali, há uma tolerância relativamente maior em relação à diversidade sexual e de gênero, em outras áreas, especialmente aquelas com uma forte influência islâmica, a homossexualidade é estigmatizada e enfrenta perseguição legal e social (Torres, 2010, p. 6).

Esses exemplos destacam como as normas culturais e tradições variam significativamente entre as nações asiáticas e como essas diferenças influenciam a experiência da comunidade LGBT+ em cada contexto.

Além disso, é essencial analisar o legado dessas ditaduras e seu impacto duradouro nas comunidades LGBT+ na contemporaneidade. Embora muitos desses regimes tenham sido substituídos por sistemas mais abertos, as marcas da repressão persistem, influenciando as atitudes sociais, políticas e legais em relação à diversidade sexual e de gênero. A reflexão sobre como essas experiências moldaram as atitudes presentes permite uma compreensão mais abrangente das dinâmicas em jogo (Oliveira; Silva; Sarroeira, 2022, p. 14-15).

No cenário tumultuado das ditaduras asiáticas, as vozes da comunidade LGBTQ+ se encontram entre as mais silenciadas e marginalizadas. Sob regimes autoritários, a expressão da identidade sexual e de gênero torna-se perigosa, sujeita a repressão e punições severas. O problema de pesquisa deste estudo reside na compreensão aprofundada das consequências desse silenciamento sistemático e da opressão exercida pelas ditaduras sobre a comunidade LGBTQ+ no continente asiático. Diante desse contexto, os objetivos principais deste estudo são duplos: em primeiro lugar, identificar os padrões de opressão, discriminação e violação dos direitos humanos perpetrados por regimes ditatoriais contra a comunidade LGBTQ+; em segundo lugar, examinar as formas de resistência, mobilização e busca por reconhecimento e igualdade que emergiram em resposta a essas condições adversas. Ao delinear o problema de pesquisa e os objetivos deste estudo, é possível situar-se dentro do pano de fundo histórico e político das ditaduras asiáticas, lançando luz sobre a magnitude dos desafios enfrentados pela comunidade LGBTQ+ e delineando a importância de abordar essas questões de maneira crítica e sensível.

Este artigo, portanto, busca iluminar as vozes silenciadas da comunidade LGBTQ+ em meio às sombras das ditaduras asiáticas, explorando as ramificações sociais, políticas e culturais desse silenciamento. Ao desvelar essas histórias muitas vezes esquecidas, esperamos contribuir para uma compreensão mais profunda das complexidades que envolvem a experiência da comunidade LGBTQ+ em contextos autoritários no continente asiático.

## 2 Metodologia

A metodologia adotada neste estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica, que oferece uma base sólida para explorar profundamente os temas já investigados. Essa abordagem permite ao pesquisador reunir conhecimentos teóricos relevantes sobre o problema em questão, buscando respostas e insights valiosos (Lima; Miotto, 2007, p. 5-6).

Para Soares e Picolli (2018), tal como para Pizzani *et al.* (2012), a pesquisa bibliográfica é uma fase crucial no processo de investigação acadêmica, consistindo na busca, seleção e análise crítica de uma ampla gama de fontes bibliográficas relacionadas ao tema de estudo. Por meio dessa abordagem, o pesquisador busca compreender e contextualizar o assunto em questão, explorando o conhecimento existente, as teorias, os debates e as descobertas já realizadas por outros estudiosos.

Essencialmente, neste artigo, a pesquisa bibliográfica envolverá a análise, especialmente de artigos de periódicos, em formato digital. O objetivo é reunir uma base sólida de informações que possibilite ao pesquisador compreender o contexto histórico, teórico e metodológico do tema em análise.

Nesta etapa, será realizada uma revisão abrangente da literatura existente, buscando compreender as políticas e práticas discriminatórias adotadas pelas ditaduras asiáticas em relação à comunidade LGBTQ+. Serão explorados estudos que abordam tanto os aspectos legais quanto sociais das políticas de repressão e discriminação, assim como as consequências dessas políticas para a comunidade LGBTQ+.

Além disso, serão identificadas lacunas na literatura existente, destacando áreas que requerem mais investigação e análise. Essas lacunas serão úteis para orientar a pesquisa, direcionando o foco para aspectos pouco explorados do tema.

A pesquisa bibliográfica também será essencial para embasar a discussão teórica da pesquisa, permitindo a contextualização dos resultados encontrados dentro de um arcabouço conceitual sólido. Teorias relacionadas à identidade, resistência, direitos humanos e políticas públicas serão exploradas para fornecer uma compreensão mais profunda do impacto das ditaduras asiáticas na comunidade LGBTQ+.

Em suma, a pesquisa bibliográfica desempenha um papel crucial no fornecimento de um panorama abrangente e fundamentado sobre o impacto das ditaduras no continente asiático sobre a comunidade LGBTQ+. Ela não apenas informa a abordagem metodológica da pesquisa, mas também contextualiza o estudo dentro do corpo de conhecimento existente, destacando a importância de ampliar as "vozes silenciadas" e promover a

inclusão e os direitos humanos para todos, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero.

### 3 Silenciados pela Ditadura: LGBTQ+ na Ásia

8

A vivência da comunidade LGBTQ+ sob o jugo das ditaduras asiáticas representa uma narrativa muitas vezes esquecida e ocultada nos registros históricos. Esta seção se propõe a explorar as complexas dinâmicas de sobrevivência que os indivíduos LGBTQ+ enfrentaram durante períodos autoritários em várias nações asiáticas. Ao mergulhar nos efeitos devastadores desses regimes, é possível vislumbrar como a identidade de gênero e orientação sexual tornaram-se alvos frequentes da repressão estatal, relegando a comunidade LGBTQ+ a um silêncio forçado. Diante disso, Maurício (2018) comenta que:

[...] a Comunidade LGBTQ é uma minoria, podendo definir-se uma minoria sexual como um grupo cujas identidade e orientação sexuais diferem das da maioria da sociedade. Incluídos neste grupo estão, ainda, os indivíduos transexuais e intersexuais. As minorias sexuais são desprezadas e vítimas de ataques por parte da restante sociedade, devido tão-só à sua sexualidade e por desrespeitarem os papéis de gênero historicamente enraizados na maioria das sociedades atuais. Tal como as vítimas de racismo, sexismo e perseguição religiosa, estas minorias foram rotuladas pelos grupos sociais dominantes como menos do que humanas e, como tal, não têm legitimidade para deter os mesmos direitos que as pessoas ditas “normais” (Maurício, 2018, p. 16).

A opressão institucionalizada das ditaduras asiáticas impôs uma carga adicional à comunidade LGBTQ+, que se viu forçada a enfrentar uma dupla marginalização. Ao explorar relatos pessoais e histórias de resistência, esta seção visa destacar a resiliência intrínseca da comunidade LGBTQ+ diante de um contexto hostil. Ao longo desses períodos turbulentos, membros da comunidade LGBTQ+ encontraram maneiras criativas e corajosas de resistir, muitas vezes construindo redes de apoio subterrâneas para preservar sua identidade e dignidade (Moreira, 2023, p. 5-6).

Além das perseguições diretas, as ditaduras asiáticas impuseram um legado duradouro de estigmatização e discriminação, perpetuando estereótipos prejudiciais que



ainda ecoam na sociedade contemporânea. Esta seção aborda como as leis discriminatórias e a repressão social moldaram as percepções culturais em relação à diversidade de gênero e orientação sexual, influenciando as atitudes até os dias de hoje. A análise crítica desses legados busca não apenas documentar o passado, mas também lançar luz sobre os desafios persistentes enfrentados pela comunidade LGBTQ+ em sua luta pela aceitação e igualdade. Nessa lógica, Cabral (2017) afirma que:

Com o relativo abrandamento da censura e a ampliação de um campo menos clandestino de ação política, marcado pelo florescimento de oposições cada vez mais pujantes, os novos agrupamentos LGBTQs passaram a reivindicar uma agenda de reconhecimento e de políticas públicas. Este deslocamento do foco exigia mais uma postura de diálogo e cobrança do que combate aberto e sem concessões do Estado. Deste modo, a tônica das demandas passou a ser a supressão de legislações discriminatórias, a inscrição da proteção legal no ordenamento jurídico, o abandono de um discurso médico-legal de estigmatização pelas entidades de classe da área da saúde, acolhimento para vítimas de violência e investigação dos responsáveis, além de uma disputa aberta na imprensa contra veiculação de notícias sensacionalistas e preconceituosas (Quinalha, 2017, p. 74).

Corroboramos com Silva (2016) quando destaca as estratégias de resistência adotadas pelos indivíduos LGBTQ+ durante as ditaduras asiáticas, destacando as iniciativas que permitiram a preservação de identidades e a construção de um senso de comunidade clandestino. Esta seção busca, portanto, oferecer uma visão aprofundada das estratégias de resistência que permitiram à comunidade LGBTQ+ sobreviver ao silêncio imposto pelas ditaduras, evidenciando histórias de coragem e solidariedade que transcendem as barreiras do tempo.

A dissecação das experiências da comunidade LGBTQ+ sob ditaduras asiáticas revela não apenas o sofrimento infligido, mas também a tenacidade e a resiliência que definem a herança destes períodos sombrios. Ao considerar o legado das ditaduras asiáticas na comunidade LGBTQ+, é essencial traçar conexões com as realidades atuais e examinar como as experiências passadas continuam a moldar a vida desses indivíduos (Nogueira, 2023, p. 26-27).

No entendimento de Maurício (2018):

A proliferação de novas identidades para rivalizarem com as identidades tradicionais demonstra a diferença entre os conceitos fixos e estáveis de uma identidade gay e a maior fluidez da sexualidade de muitos homens e mulheres. Por exemplo, na comunidade HSH – Homens que fazem sexo com Homens – a identidade sexual é determinada pelos papéis sexuais e não pelo gênero do parceiro sexual. Isto resulta em três tipos de homens homossexuais, sendo o termo “gay” insuficiente para designar qualquer um deles: em primeiro lugar, atendendo a normas culturais existentes no Sul da Ásia, o homem que assume o papel ativo no ato sexual não adota uma identidade homossexual ou gay (designação considerada pejorativa), sendo rotulado, dentro da própria comunidade HSH, por “giriya” ou “panthi”. Este rótulo traduz a ideia de um homem real, que se identifica como heterossexual. Em segundo lugar surgem os homens que assumem o papel passivo e que exibem características dos dois gêneros. E em terceiro lugar consideram-se os transexuais, ou hijras. Este modelo parece ignorar a existência de indivíduos que assumem o papel passivo do ato sexual, mas que não apresentam características variáveis dos dois gêneros (Maurício, 2018, p. 49).

Para Baptista e Boita (2017), a vivência da comunidade LGBTQ+ sob o domínio das ditaduras asiáticas revela uma trama intrincada de desafios e resiliência que muitas vezes permanece à margem das narrativas históricas. Durante esses períodos autoritários, as identidades de gênero e orientação sexual tornaram-se alvos de uma repressão sistemática, forçando a comunidade LGBTQ+ a enfrentar não apenas a opressão estatal, mas também o silêncio imposto pela sociedade. A profundidade dessa marginalização é evidente nas histórias de resistência, onde indivíduos LGBTQ+ encontraram maneiras corajosas de preservar suas identidades, muitas vezes construindo redes de apoio secretas para mitigar o impacto do estigma social e legal.

Para a comunidade LGBTQ+ nas ditaduras asiáticas, a sobrevivência frequentemente significava habitar as sombras da sociedade, resistindo de maneiras sutis e criativas. A imposição de leis discriminatórias e normas sociais estritas levou à necessidade de estratégias de resistência subterrâneas. Estas estratégias não apenas garantiram a preservação da identidade individual, mas também construíram uma base para a solidariedade entre os membros da comunidade LGBTQ+, formando uma teia de apoio que transcendia as barreiras do silêncio imposto (Carvalho, 2023, p. 33-34).

As ditaduras asiáticas não apenas restringiram a expressão da sexualidade e identidade de gênero, mas também deixaram um legado duradouro de estigmatização que permeia a sociedade contemporânea. Estereótipos prejudiciais criados durante esses

períodos autoritários persistem, impactando a vida dos indivíduos LGBTQ+ até os dias de hoje. A análise crítica desse legado busca iluminar não apenas as adversidades históricas, mas também os desafios persistentes enfrentados pela comunidade LGBTQ+ em sua busca por aceitação e igualdade (França, 2023, p. 41-42).

Ao explorar o legado das ditaduras asiáticas na comunidade LGBTQ+, é essencial compreender não apenas o sofrimento infligido, mas também a resiliência que define a herança desses períodos sombrios. O resgate dessas histórias não contadas busca contribuir para uma compreensão mais completa da história asiática, reconhecendo o papel significativo da comunidade LGBTQ+ na construção de narrativas mais inclusivas e autênticas sobre os impactos das ditaduras na região. Este legado, apesar do silêncio imposto, ressoa como um chamado à reflexão sobre a importância da preservação da diversidade, resistência e busca por uma sociedade mais justa.

Cabral (2018) comenta que:

A partir da questão da injúria, sempre tão presente nas vidas de LGBTQ+, é possível reconstituir a forma como estes são sujeitados pela ordem cisheterossexual e seu binarismo praticamente inescapável. Contudo, também é possível reconstituir a maneira como elas e eles resistem à dominação produzindo novos modos de vida, criando espaços de liberdade e um certo mundo particular como possibilidade de (re)existência. Daí a importância de falar dos processos de subjetivação que recriam a identidade pessoal a partir da identidade atribuída, resignificando não só a própria subjetividade, a fabricação de si mesmo, mas engendrando novas maneiras de se relacionar com os outros (Cabral, 2017, p. 13).

Além das perseguições diretas, a imposição de estigmas e discriminação por parte das ditaduras asiáticas deixou um legado persistente que permeia as sociedades contemporâneas. Estereótipos prejudiciais, enraizados durante esses períodos sombrios, continuam a afetar a percepção cultural em relação à diversidade de gênero e orientação sexual. O silenciamento imposto pela opressão autoritária reverbera, ainda hoje, na luta contínua da comunidade LGBTQ+ por aceitação e igualdade, alimentando a necessidade de reconhecimento e compreensão dessa herança complexa.

As estratégias de resistência adotadas pela comunidade LGBTQ+ sob as ditaduras asiáticas contam histórias de coragem e solidariedade. Em um ambiente hostil, surgiram

redes clandestinas e espaços seguros, onde a expressão autêntica da identidade era possível, ainda que em segredo. Essas estratégias de sobrevivência não apenas permitiram a preservação das identidades, mas também contribuíram para a construção de uma resiliência coletiva que transcende as limitações impostas pelas ditaduras, revelando a força interior da comunidade LGBTQ+.

Para Fernandes, Santos e Rodrigues (2023), tal como para Sardinha (2024), traçar as conexões entre as experiências passadas da comunidade LGBTQ+ e as realidades atuais é essencial para compreender a extensão do legado das ditaduras asiáticas. A análise crítica desse legado não apenas documenta o sofrimento histórico, mas também ressalta a importância de abordar as sequelas duradouras desses períodos autoritários. Este estudo não é apenas um mergulho no passado, mas uma reflexão profunda sobre como as experiências da comunidade LGBTQ+ sob ditaduras continuam a moldar as narrativas e desafios enfrentados por esses indivíduos, abrindo caminho para uma sociedade mais inclusiva e justa.

Durante as ditaduras asiáticas, as identidades de gênero e orientações sexuais fora das normas estabelecidas eram frequentemente alvos de discriminação e perseguição. A marginalização sistêmica impôs uma pressão adicional à comunidade LGBTQ+, levando muitos indivíduos a ocultarem sua verdadeira identidade para evitar represálias. Esse silenciamento imposto, seja por medo de perseguição ou em resposta a normas sociais restritivas, teve implicações profundas na formação da identidade da comunidade LGBTQ+ nesses contextos históricos (Dias *et al.*, 2023, p. 7-8).

Ao mesmo tempo, a comunidade LGBTQ+ desenvolveu estratégias criativas de sobrevivência para resistir à opressão. Redes de apoio secretas, códigos simbólicos e manifestações artísticas muitas vezes se tornaram meios clandestinos de expressão e conexão, permitindo que a comunidade permanecesse resiliente diante do silêncio imposto pelas ditaduras. Estas estratégias de resistência não apenas preservaram identidades, mas também pavimentaram o caminho para uma história de resiliência e solidariedade que transcende as fronteiras temporais.

O legado das ditaduras asiáticas na comunidade LGBT+ é evidente não apenas nas cicatrizes históricas, mas também nas atuais dinâmicas sociais e políticas. A persistência de estereótipos prejudiciais, a ausência de reconhecimento legal e as barreiras à aceitação continuam a moldar as experiências da comunidade LGBT+ na região. Este tema busca, portanto, explorar como os eventos históricos influenciaram a formação da identidade LGBT+ asiática contemporânea, sublinhando a importância de reconhecer e superar o legado de silêncio imposto pelas ditaduras (Neves, 2021, p. 7-8).

Em última análise, a narrativa da comunidade LGBT+ sob as ditaduras asiáticas é uma história de resiliência, resistência e perseverança. Ao desenterrar essas experiências muitas vezes esquecidas, este tema procura dar voz às histórias silenciadas, lançando luz sobre as complexidades da vida LGBT+ sob regimes autoritários e encorajando uma reflexão crítica sobre como a sociedade pode avançar em direção a um futuro mais inclusivo e respeitoso.

## 4 Resistência LGBT+: Ativismo nas Sombras

Em muitas partes do continente asiático, a comunidade LGBT+ enfrenta uma realidade marcada por perseguições sistêmicas e discriminações institucionalizadas. Em meio a esses desafios, emergem atos corajosos de resistência e luta, caracterizando um ativismo que muitas vezes ocorre nas sombras, longe dos olhares públicos e sob a ameaça constante da repressão. Essa resistência se manifesta de maneiras diversas, desde a formação de redes clandestinas de apoio até a criação de plataformas digitais seguras para a expressão de identidades e vivências. Segundo Maurício (2018),

Na maioria dos países asiáticos, sempre que se discute os direitos humanos surgem os valores asiáticos, que derivam do Confucionismo. Há quem afirme que valores asiáticos como o da lealdade para com o Estado, o da disciplina social e o do coletivismo, podem ser usados para justificar ignorância quanto ao valor universal dos direitos humanos, sendo verdade que os mesmos já serviram para justificar regimes mais autoritários. De facto, nos anos 80 e 90 emergiram valores asiáticos como forma de enfatizar a identidade nacional e de defesa de influência ocidental (Maurício, 2018, p. 120).

Para Kobayashi *et al.* (2021), os ativistas LGBTQ+ na Ásia, muitas vezes forçados a operar nas sombras da sociedade, desafiam silenciosamente as normas impostas, promovendo a visibilidade e a busca por direitos fundamentais. Esta forma de resistência, embora muitas vezes invisível, é um testemunho da resiliência e da determinação dessa comunidade em buscar uma sociedade mais inclusiva e igualitária. A história dessas lutas nas sombras não apenas destaca a necessidade urgente de reconhecimento e proteção dos direitos LGBTQ+, mas também inspira reflexões sobre o poder transformador da resistência em contextos desafiadores.

Num contexto em que a visibilidade e os direitos da comunidade LGBTQ+ são frequentemente desafiados, o ativismo nas sombras emerge como uma forma resiliente de resistência na Ásia. Este vasto continente testemunha uma persistente perseguição contra indivíduos que desafiam as normas de gênero e sexualidade estabelecidas. Apesar das adversidades, a comunidade LGBTQ+ tem encontrado maneiras criativas e estratégicas de se engajar em formas discretas de ativismo, muitas vezes operando à margem da visibilidade pública.

A resistência na Ásia se manifesta por meio de redes secretas, encontros clandestinos e plataformas online anônimas. Grupos ativistas operam nas sombras para proteger a identidade de seus membros, reconhecendo os riscos associados à expressão aberta de suas identidades de gênero e orientações sexuais. Essa forma de ativismo, embora menos visível, desempenha um papel crucial na promoção da conscientização, educação e apoio emocional dentro da comunidade LGBTQ+ (Vasconcelos, 2023, p. 7-8).

É interessante observar como, mesmo sob repressão, as vozes silenciadas encontram maneiras de se fazerem ouvir. Seja por meio de campanhas online, iniciativas educacionais subterrâneas ou eventos culturais discretos, o ativismo nas sombras demonstra uma resiliência notável. Esta resistência não apenas desafia as normas sociais, mas também contribui para um diálogo mais amplo sobre diversidade, inclusão e igualdade, mesmo em contextos em que tais conversas são frequentemente restringidas.

Logo,

A estigmatização de comportamentos, identidades, relacionamentos e das comunidades LGBT é feita mediante a institucionalização de atitudes e crenças negativas a respeito das pessoas LGBT, e se dá através do chamado heterossexismo (ideologia cultural que reproduz normas e status heterossexuais nos mais variados aspectos da vida em sociedade). É por meio do heterossexismo cultural que se propagam as ideologias de que pessoas LGBT são inferiores e menos merecedoras de reconhecimento social do que as pessoas heterossexuais; Ele pode ser tanto físico quanto psicológico, e engloba desde preconceito e atitudes prejudiciais contra pessoas LGBT, até extrema violência e assassinato (Petit, 2021, p. 21).

Contudo, é fundamental reconhecer que o ativismo nas sombras não é isento de desafios. A constante ameaça de descoberta, perseguição e discriminação cria uma atmosfera de medo persistente. Além disso, a falta de visibilidade pública pode limitar o impacto dessas ações e a conscientização sobre as questões enfrentadas pela comunidade LGBT+. Nesse contexto complexo, surge a necessidade de compreender as nuances desse ativismo e explorar estratégias para ampliar sua eficácia, promovendo, assim, a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa na Ásia.

O ativismo sutilmente enraizado na comunidade LGBT+ no Afeganistão é um testemunho eloquente de coragem e resiliência diante de um contexto formidavelmente adverso. Em um país onde as leis e normas sociais muitas vezes são opressivas e discriminatórias em relação à comunidade LGBT+, indivíduos corajosos encontram maneiras discretas de expressar sua identidade e buscar apoio.

Devido às restrições impostas pela sociedade e pelo governo afegão, o ativismo aberto e declarado em prol dos direitos LGBT+ é praticamente impossível. No entanto, isso não impede que membros da comunidade LGBT+ e seus aliados atuem de forma discreta e estratégica para promover a aceitação e garantir espaços seguros para a expressão de sua orientação sexual (Santos, 2022, p. 6-7).

Essas atividades muitas vezes ocorrem nas sombras, através de redes clandestinas, comunicações criptografadas e encontros secretos. Ativistas e defensores dos direitos LGBT+ no Afeganistão enfrentam ameaças constantes e o risco de violência, o que torna seu trabalho ainda mais admirável.

Além de fornecer apoio emocional e prático para os membros da comunidade LGBTQ+, o ativismo nas sombras também desempenha um papel crucial na conscientização e na educação, desafiando as normas sociais prejudiciais e promovendo uma cultura de inclusão e respeito.

Embora seja uma tarefa árdua e muitas vezes perigosa, o ativismo nas sombras na comunidade LGBTQ+ do Afeganistão é uma prova da resiliência humana e da determinação em lutar por direitos básicos e dignidade, mesmo em face de adversidades aparentemente insuperáveis. Esses esforços merecem ser reconhecidos e apoiados pela comunidade internacional, à medida que continuamos a trabalhar em direção a um mundo mais justo e igualitário para todos (Santos, 2022, p. 9-10).

Nas entranhas da sociedade chinesa, onde políticas opressivas sufocam a expressão e os direitos das minorias sexuais e de gênero, surge um movimento resiliente e corajoso. Em um país onde a comunidade LGBTQ+ enfrenta perseguição sistemática e discriminação, indivíduos e grupos encontram refúgio nas sombras da clandestinidade, promovendo a igualdade e a visibilidade de maneira discreta, mas poderosa (Yan, 2024, p. 33-34).

Longe dos olhos atentos das autoridades e da opinião pública, surgem redes de apoio e solidariedade, fornecendo um oásis de aceitação e suporte emocional. Em salas secretas e fóruns online seguros, esses ativistas compartilham suas histórias, trocam recursos e planejam estratégias para enfrentar os desafios que enfrentam diariamente. Esses espaços se tornam refúgios vitais, onde a comunidade pode encontrar conforto e força em meio à adversidade (Yan, 2024, p. 36).

Apesar das ameaças de repressão e punição, o ativismo nas sombras persiste, alimentado pela convicção de que a mudança é possível mesmo nos cantos mais obscuros da sociedade. Através de ações discretas, como campanhas de conscientização em pequena escala e intervenções artísticas clandestinas, esses ativistas desafiam silenciosamente as normas estabelecidas e reivindicam seu espaço na luta por direitos iguais.



No entanto, o custo do ativismo nas sombras é alto. Aqueles que se atrevem a desafiar o *status quo* enfrentam o risco constante de represálias, desde perseguições e prisões até o ostracismo social e familiar. Mesmo assim, o fogo da resistência continua a arder, alimentado pela esperança de um futuro em que a diversidade seja celebrada e todas as vozes sejam ouvidas.

Na Coreia do Norte, o governo exerce um controle rígido sobre todos os aspectos da vida cotidiana, o que inclui uma repressão severa contra qualquer forma de dissidência ou expressão individual que desafie a ideologia oficial. Nesse contexto de opressão, a comunidade LGBTQ+ enfrenta desafios ainda mais significativos.

O regime norte-coreano não reconhece a existência da identidade LGBTQ+ e, portanto, qualquer forma de expressão ou organização que vise promover os direitos dessa comunidade é suprimida de forma implacável. O simples fato de ser LGBTQ+ na Coreia do Norte pode resultar em perseguição, detenção arbitrária, e até mesmo execução sumária (Albert, 2023, p. 6-7).

Diante desse ambiente hostil, o ativismo LGBTQ+ assume formas secretas e subversivas. Os indivíduos que se identificam como LGBTQ+ muitas vezes recorrem a métodos clandestinos para se conectar com outros membros da comunidade e criar redes de apoio. Isso pode envolver o uso de tecnologia clandestina, comunicação criptografada e encontros discretos.

Para Nagamine (2019) a luta pela visibilidade e reconhecimento da comunidade LGBTQ+ na Coreia do Norte é uma batalha extremamente difícil e perigosa. No entanto, apesar dos riscos, muitos indivíduos continuam a desafiar o regime opressivo em busca de dignidade e igualdade. A resistência persiste, ainda que nas sombras, como uma manifestação da determinação da comunidade LGBTQ+ em reivindicar seu espaço e seus direitos fundamentais.

É importante reconhecer que os relatos sobre a situação da comunidade LGBTQ+ na Coreia do Norte são escassos e frequentemente difíceis de verificar devido ao controle estrito da informação pelo governo. No entanto, os relatos de desertores e algumas

organizações internacionais oferecem insights sobre a extrema adversidade enfrentada por indivíduos LGBT+ sob o regime norte-coreano (Cunha, 2020, p. 7-8).

Na Indonésia, uma nação vasta e diversificada, existe uma comunidade marginalizada que enfrenta uma batalha silenciosa pela sua própria existência. Embora os holofotes do mundo muitas vezes se desviem dessa realidade, há uma teia de ativismo vibrante e, ao mesmo tempo, cauteloso, se desdobrando nas sombras.

Nas ruas movimentadas de Jacarta e nas aldeias rurais isoladas, membros da comunidade LGBT+ encontram maneiras sutis de expressar sua identidade e resistir às pressões sociais. Grupos de apoio clandestinos oferecem um refúgio seguro, onde histórias são compartilhadas e laços são formados em segredo. Com a disseminação da informação através das mídias sociais e aplicativos de mensagens criptografadas, uma rede de solidariedade é tecida, fornecendo recursos e orientação para aqueles que vivem sob o espectro da discriminação e da perseguição (Rodrigues; Hernandez, 2020, p. 6-7).

A perseguição é uma realidade palpável para muitos membros da comunidade LGBT+ na Indonésia. Os relatos de agressões físicas, intimidação e assédio são frequentes, enquanto as estruturas sociais e legais perpetuam um clima de medo e opressão. Além disso, a exposição pública da identidade LGBT+ pode levar à exclusão social, à perda de emprego e até mesmo à expulsão de suas próprias famílias (Torres, 2010, p. 6).

Esses perigos iminentes obrigam muitos membros da comunidade LGBT+ a se refugiarem nas sombras, onde podem buscar solidariedade e apoio de forma discreta. No entanto, mesmo nessas redes clandestinas, a ameaça de ser descoberto persiste, exigindo vigilância constante e precauções extremas.

Leis que criminalizam a expressão da identidade de gênero e orientação sexual ainda estão em vigor, criando um clima de medo e repressão. O ativismo nas sombras é uma resposta a esse ambiente hostil, onde a visibilidade direta pode resultar em consequências devastadoras (Torres, 2010, p. 8).

Apesar dos desafios, a resiliência da comunidade LGBT+ na Indonésia é evidente. De manifestações secretas a pequenos atos de resistência no cotidiano, esses indivíduos

encontram maneiras de afirmar sua existência e reivindicar seu direito à igualdade. Enquanto o mundo continua a girar, é essencial não perder de vista a luta corajosa e persistente que ocorre nas sombras da Indonésia.

Em todos esses contextos, o ativismo nas sombras representa uma resposta valente à perseguição, permitindo que a comunidade LGBTQ+ continue a lutar por seus direitos, mesmo em ambientes hostis. A resiliência demonstrada destaca a importância de reconhecer e apoiar esses esforços, promovendo a inclusão e a aceitação em toda a diversidade da experiência humana. Diante disso, Mazzeto (2020) comenta que:

Diversas discussões entorno das discriminações internas do próprio movimento social, e as implicações ao longo da história acabaram delineando a terminologia LGBTQ, dando visibilidade primeiro às mulheres Lésbicas e posteriormente aos Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis. Destaca-se que a última Conferência Nacional LGBTQ, realizada em 2015, decidiu-se pela continuidade da terminologia LGBTQ, no campo da formulação de políticas públicas, entretanto, há indicativos dos movimentos sociais que a terminologia a ser utilizada de forma mais adequada seja a LGBTQI+, de forma a ter a representação a maior gama da diversidade sexual e de gênero (Mazzeto, 2020, p. 28).

Quanto às futuras mudanças, o ativismo nas sombras também aponta para a esperança de transformações significativas. À medida que o mundo globalizado continua a evoluir e a conscientização sobre os direitos humanos se expande, é possível antecipar mudanças graduais nas atitudes sociais e, eventualmente, nas políticas governamentais. O ativismo nas sombras pode se tornar um catalisador para uma maior aceitação e respeito pela diversidade sexual e de gênero, à medida que as sociedades asiáticas continuam a enfrentar e desafiar as normas discriminatórias do passado.

Contudo, mesmo em meio à opressão, surge uma narrativa de resistência: "Ativismo nas Sombras". A comunidade LGBTQ+ asiática, enfrentando perseguição, encontra maneiras engenhosas de se manifestar e lutar por seus direitos. Essa resistência nas sombras representa uma forma de ativismo corajosa, muitas vezes anônima, mas incrivelmente impactante. Organizações clandestinas, redes de apoio e ativistas individuais emergem como uma força coletiva, desafiando a narrativa oficial e reivindicando espaço para a diversidade e inclusão.

Essas histórias de resistência ilustram como, mesmo sob regimes autoritários, a chama da igualdade e liberdade continua acesa. A luta da comunidade LGBTQ+ no continente asiático transcende fronteiras geográficas e culturais, conectando pessoas através de uma determinação compartilhada para desafiar as adversidades. Enquanto as "Vozes Silenciadas" ecoam tristemente, o "Ativismo nas Sombras" persiste como um farol de esperança, mostrando que, mesmo em meio à perseguição, a busca por direitos humanos e igualdade nunca pode ser extinta.

## 5 Considerações finais

Nas considerações finais deste estudo, torna-se evidente o impacto significativo das ditaduras no continente asiático sobre a comunidade LGBTQ+. A análise abrangente das diferentes experiências vivenciadas pelos indivíduos dessa comunidade em contextos autoritários revela não apenas a amplitude da repressão, mas também a resiliência demonstrada por muitos.

A repressão imposta pelas ditaduras resultou em consequências duradouras para a comunidade LGBTQ+. A marginalização, discriminação e perseguição tiveram efeitos profundos, deixando marcas que persistem até os dias de hoje. O silenciamento forçado perpetuou estigmas prejudiciais e limitou a capacidade da comunidade LGBTQ+ de contribuir plenamente para a sociedade.

O entendimento do legado dessas ditaduras é essencial para orientar esforços em direção a uma sociedade mais justa e inclusiva na Ásia. Reconhecer o impacto negativo das políticas discriminatórias é o primeiro passo para a promoção de mudanças significativas. A luta pela igualdade e pelos direitos humanos deve ser contínua, visando não apenas reparar as injustiças do passado, mas também garantir um futuro onde a diversidade seja valorizada e respeitada.

É imperativo que a sociedade, as organizações de direitos humanos e os governos locais se unam na promoção de uma cultura de aceitação e inclusão. A conscientização

sobre os desafios enfrentados pela comunidade LGBTQ+ na Ásia deve ser ampliada, e medidas concretas devem ser implementadas para criar ambientes seguros e igualitários.

Ao encerrar esta análise, ressalta-se a importância de romper com padrões discriminatórios e repressivos do passado. A busca por justiça, igualdade e respeito pelos direitos humanos deve ser incessante, para que as vozes silenciadas da comunidade LGBTQ+ possam finalmente ser ouvidas e valorizadas em toda a sua diversidade.

## Referências

ALBERT, Saulo. A arte sob censura autoritária? Comparações entre Brasil e Coreia do Norte. **Revista de Ciências Sociais: RCS**, v. 2, pág. 263-296, 2023.

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Museologia e Comunidades LGBTQ: mapeamento de ações de superação das fobias à diversidade em museus e iniciativas comunitárias do globo. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 54, n. 10, 2017.

BARBOSA, Victor Tavares; COSTA, Ana Carolina dos Santos. A percepção do impacto das eleições 2018 sobre a violência contra pessoas LGBTQ nos estados da Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. **CSONline-REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, n. 33, p. 416-436, 2021.

CABRAL, Jacqueline Ribeiro. Arquivos da repressão: fontes de informação sobre diversidade sexual e de gênero na ditadura militar<sup>1</sup>. **Archeion Online**, v. 5, p. 103-121, 2017.

CARVALHO, Rubem Viana de. **Um arco-íris na luta pela terra: o construir da práxis pedagógica do coletivo LGBTQ do MST**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. 2023.

CUNHA, Lenan Menezes da. **Abordagem da CNN no tema da Coreia do Norte entre janeiro e junho de 2020**. 2020.

DIAS, Ecarla Verônica Almeida *et al.* **Exposição e atitudes frente à mídia LGBTQ+: desenvolvimento de medidas e o papel moderador da orientação sexual**. 2023.

FERNANDES, Adriano Carlos Nunes; SANTOS, Renato de Oliveira; RODRIGUES, Milena Manhães. Velhices lgbtqiap+ e turismo: reflexões iniciais para iluminar um campo complexo. **Ateliê do Turismo**, v. 7, n. 2, p. 239-259, 2023.

FRANÇA, Luís Carlos Lima de *et al.* **Diversidade e inclusão como fator diferenciador para obtenção de vantagem competitiva nas organizações.** 2023. Tese de Doutorado.

KOBAYASHI, Franklin Duarte *et al.* **Aproximações entre o discurso de pastores midiáticos no combate aos direitos humanos LGBT e as estratégias de funcionamento das políticas fascistas.** 2021.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista katálysis**, v. 10, p. 37-45, 2007.

MALERBA, João. Homossexualidade e alteridade: uma análise bakhtiniana das Paradas Gays. **Mídia e Cotidiano**, v. 11, n. 1, p. 190-206, 2017.

MAURÍCIO, Álvaro Filipe da Silva. **A atuação dos sistemas de proteção de direitos humanos na defesa da comunidade LGBT.** Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa. 2018.

MAZETTO, Walkiria Glanert *et al.* **“Nunca se teve tanto, e o que há é praticamente nada”**: inventário sobre a produção de dados e estatísticas da população LGBT em Belo Horizonte–MG. 2020.

MIGUEL, Francisco. “Exogenia” e “tolerância”: o duplo papel da mídia impressa na institucionalização da homossexualidade no sul de Moçambique pós-colonial (1975-2007). **Revista de Antropologia**, v. 66, p. e193086, 2023.

MOREIRA, Elis D. **A importância das políticas de igualdade de gênero e direitos LGBTQIAP+ na promoção dos direitos humanos e seus impactos na garantia de uma sociedade igualitária e inclusiva.** 2023.

MOREIRA, Jéssica da Costa. **O Porto como destino LGBT+ friendly.** 2023. Tese de Doutorado.

NAGAMINE, Renata Reverendo Vidal Kawano. Os direitos de pessoas LGBT na ONU (2000-2016). **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, p. 28-56, 2019.

NEVES, Christopher Smith Bignardi. TURISMO LGBT: PUBLICAÇÕES NO JOURNAL OF HOMOSEXUALITY. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo-ReAT**, v. 15, n. 2, p. 1-21, 2021.

NOGUEIRA, Inês Sofia Canhoto. **Queer Fear: o lugar da comunidade LGBTI+ na Biblioteca Municipal de Sintra.** Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa. 2023.

OLIVEIRA, Cristina Pereira; SILVA, Francisco; SARROEIRA, Dulce Mendes. O segmento dos casamentos LGBT na hospitalidade da Madeira. In: **Artigos do XIII International Tourism Congress: Reinventing Tourism For Upcoming Challenges**. Centre for Tourism Research, Development and Innovation (CiTUR), 2022. p. 9-24.

PETIT, Josefa Gabriela Coêlho. **Vitimização e insegurança da população LGBT em Teresina-PI**. 2021. Tese de Doutorado.

PIZZANI, Luciana *et al.* A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.

QUINALHA, Renan Honorio. **Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

RODRIGUES, João Paulo Ribeiro; HERNANDEZ, Matheus de Carvalho. O arco-íris atravessando frestas: a ascensão dos debates sobre direitos LGBT na ONU. **Revista Brasileira de Ciência Política**, p. 207-248, 2020.

SANTOS, Daniel. REFUGIADOS LGBTQ+: CRISE NO AFGANISTÃO E INADEQUAÇÃO NA RESPOSTA DA UNIÃO EUROPEIA. **Revista Cadernos Internacionais**, v. 2022, n. 1, 2022.

SILVA, Ariadne Soares Moraes; ALVES, Gabriela Jacarandá. Política Nacional de Saúde Integral de LGBT: percepção de enfermeiros da atenção primária à saúde. **Comunicação em Ciências da Saúde**, v. 32, n. 02, 2021.

SARDINHA, Ana Cristina Ribeiro. **A representação do homem gay na publicidade digital das celebrações Pride no setor dos cosméticos**. Tese de Doutorado. Universidade Europeia. 2024.

SILVA, Marcos Aurélio. Numa tarde qualquer: uma antropologia da Parada da Diversidade em Cuiabá e da cultura LGBT no Brasil contemporâneo. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 10, n. 15, 2016.

SOARES, Sandro Vieira; PICOLLI, Icaro Roberto Azevedo; CASAGRANDE, Jacir Leonir. Pesquisa bibliográfica, pesquisa bibliométrica, artigo de revisão e ensaio teórico em administração e contabilidade. **Administração: ensino e pesquisa**, v. 19, n. 2, p. 308-339, 2018.

TING, Su *et al.* Novas representações da homossexualidade no contexto da China. **Fragmentum**, v. 1, n. 35, p. 46-54, 2012.

TORRES, Marco Antonio. Direitos humanos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) na educação e as lógicas heterossexistas. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 9, p. 01-10, 2010.

VASCONCELOS, Nádia Machado de *et al.* Violência contra pessoas LGB+ no Brasil: análise da Pesquisa Nacional de Saúde 2019. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 26, p. e230005, 2023.

YAN, Mi. **Tolerância da diversidade sexual**: uma análise da comparação da presença da população homossexual entre o Brasil e a China. 2024. Tese de Doutorado.

ZION, Fénix. A CATEGORIA DE DESFILE RUNWAY FIGURA FEMININA NA COMUNIDADE AFRO-LATINA E LGBT AMERICANA BALLROOM: UMA PASSARELA CONTRACULTURAL. **CADERNOS CÊNICOS**, v. 2, pág. 26-26, 2020.

<sup>i</sup> **Kelvi da Silva Oliveira**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6937-4604>

Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF

Possui Licenciatura em Ciências da Natureza pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF. Atuou como bolsista do Programa Residência Pedagógica – PRP, (CAPES). Integrante do grupo de Estudos e Pesquisa sobre a produção social do Espaço – GEEPSE do CNPq.

Contribuição de autoria: Integral.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0039283860812910>

E-mail: [Kelvi.oliveira@discente.univasf.edu.br](mailto:Kelvi.oliveira@discente.univasf.edu.br)

**Editora responsável:** Genifer Andrade

**Especialista *ad hoc*:** Raimundo Sérgio Farias e Marco Antonio de Oliveira Gomes

### Como citar este artigo (ABNT):

OLIVEIRA, Kelvi da Silva. Vozes silenciadas: impacto das ditaduras no continente asiático sobre a comunidade LGBT+. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, e12583, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/12583/version/11580>

Recebido em 20 de fevereiro de 2024.

Aceito em 09 de abril de 2024.

Publicado em 02 de maio de 2024.